

Freio na migração para o DF

LILIAN TAHAN

DA EQUIPE DO CORREIO

Luciane do Carmo Soares, 32 anos, mora com os três filhos e o marido em um barraco de madeirite na Vila Estrutural, a 10km da Esplanada dos Ministérios. O máximo da infra-estrutura a que tem acesso é luz elétrica e água encanada. As ruas não são asfaltadas, o esgoto não é tratado. Quando chove, o barraco é tomado de lama, as aulas das crianças são suspensas. Com tudo isso, a mineira de Pedra de Maria da Cruz — cidade no interior do estado com 10 mil habitantes — avalia que melhorou de vida na última década. "Ganhei o meu lote, tenho trabalho e recebo uma ajuda do governo", enumera. O caso de Luciane não é isolado. Assim como ela, muitos vieram a Brasília atraídos por uma condição de vida melhor na capital da República.

O fenômeno da migração para o DF medido em estatísticas, avaliado por especialistas é tido como um dos mais intensos do país e tornou-se preocupação para o novo governo. O tema foi citado pelo presidente do Conselho Consultivo do GDF, Pimenta da Veiga, em entrevista ao *Correio* na última semana como o primeiro assunto a ser posto em debate pelos conselheiros. O grupo de consultores pretende analisar junto ao governador José Roberto Arruda um conjunto de medidas para desestimular a vinda de mais gente a capital.

Se tiver êxito, a nova administração vai caminhar em sentido contrário ao que se trilhou até pouco tempo. Brasília sempre foi uma cidade cobiçada por oferecer serviço de saúde, educação e oportunidade de emprego público acima da média de outras regiões do país. Mas nas duas últimas décadas algumas políticas

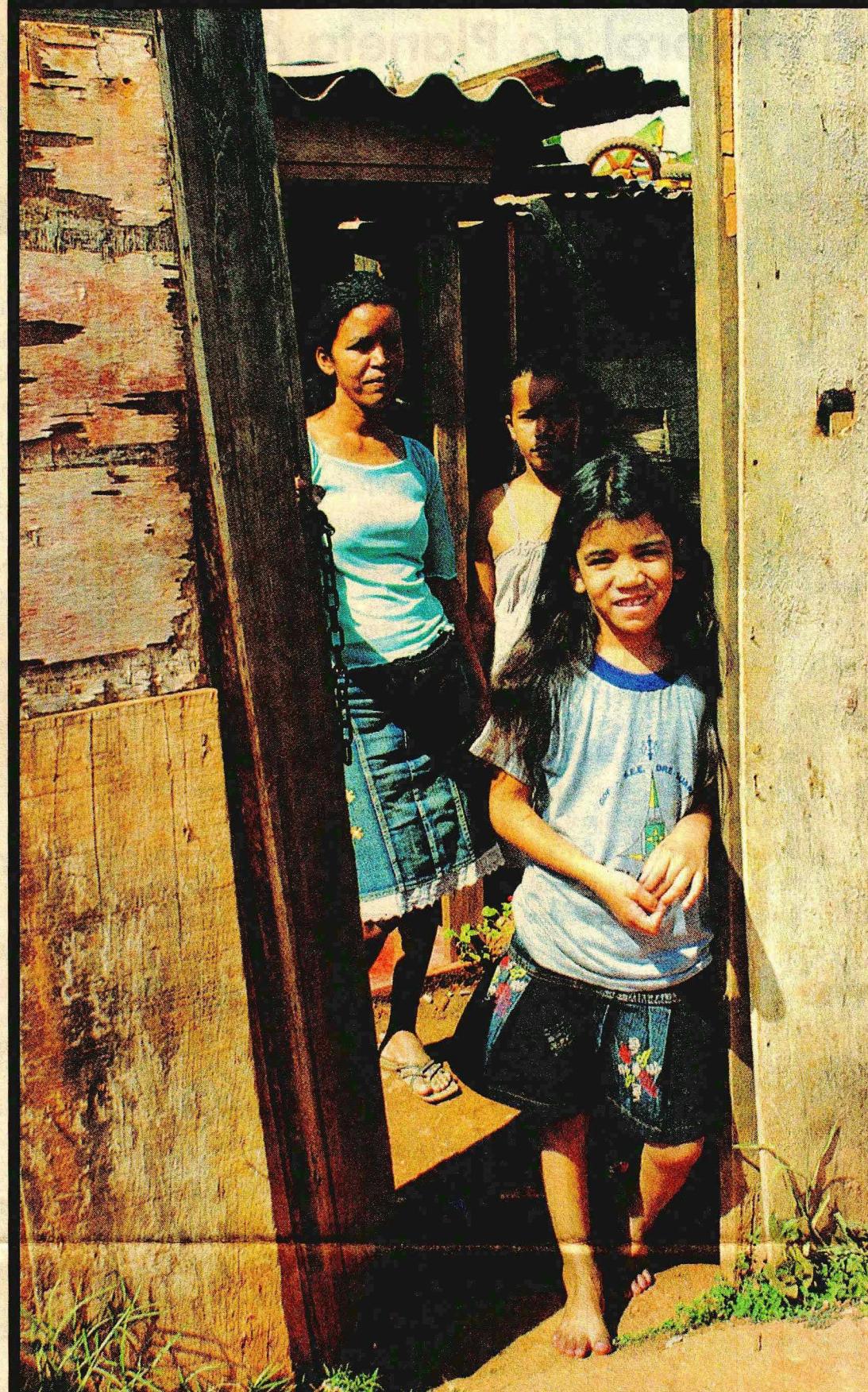
públicas colaboraram para intensificar a pressão sobre a cidade. O movimento foi calculado na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios de 2004 organizada por técnicos da Companhia de Planejamento do DF (Codeplan). Uma das perguntas feitas no estudo investiga a motivação das pessoas que deixaram seus estados de origem rumo à capital.

Na ocasião da pesquisa, 9% das pessoas que haviam se mudado para o DF vieram para melhorar de vida, o que segundo estimativas do estudo corresponde a 188 mil pessoas. Um índice ainda maior, de 14%, foi registrado entre os que migraram na expectativa por moradia ou por ganhar um lote. Eles somam pouco mais de 304 mil pessoas. O motivo trabalho foi respondido por apenas 6% dos entrevistados (144 mil migrantes) o que talvez ajude a explicar a dependência das famílias que vêm de fora dos programas do governo local.

O crescimento galopante de Brasília não é apenas uma sensação dos que acompanharam o processo de expansão da cidade nas últimas décadas. O impacto dessa evolução é real sobre os sistemas de transporte, de saúde e de educação que não conseguem absorver o acréscimo de novos usuários.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmam projeções de evolução populacional preocupantes para o DF. Segundo o instituto de pesquisa, o índice local do crescimento de habitantes entre 2005 para 2006 foi de 2,11%, praticamente o dobro da média nacional que é de 1,14% e bem acima dos grandes centros como São Paulo (1,52%) e Rio de Janeiro (1,16%).

Gerente do projeto componente da dinâmica demográfica do IBGE — área que estuda justamente fatores do aumento popu-



MORADORA DA VILA ESTRUTURAL, LUCIANE SOARES (E) VEIO PARA BRASÍLIA ATRAÍDA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

lacional como fecundidade, mortalidade e movimentos migratórios —, Fernando Albuquerque reforça que o índice de crescimento da população em Brasília é muito alto se comparado ao de outras cidades e da tendência em países desenvolvidos. "Nesses casos, ele chega perto de zero", alerta.

Albuquerque também realça

em suas explicações que a origem do inchaço no DF são os movimentos migratórios. O técnico explica que essa conclusão vem do cruzamento dos dados de crescimento da população com a taxa de fecundidade, que em Brasília é de 1,87% e está abaixo da média no país de 2,02%. É uma das mais baixas do Brasil da

onde se conclui que se a cidade continua a aumentar é em função dos movimentos migratórios", afirma o especialista.

A escalada populacional nos últimos anos resultou em um acréscimo dos limites territoriais da capital. Se o número de habitantes aumentou, a cidade cresceu para abrigar os novos

ALTO CRESCIMENTO

2,4
MILHÕES

É a estimativa populacional do DF que hoje se divide em 29 regiões administrativas, o triplo de RAs existentes na década de 1980 quando o número de habitantes era de 1,1 milhão de pessoas.

14%

É a porcentagem calculada na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios de 2004 de pessoas que se mudaram para Brasília em busca de moradia ou para ganhar lotes do governo

2,11%

É o índice de projeção populacional do DF medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre 2005 e 2006.

Ele é o dobro da média nacional e superior ao de centros como Rio de Janeiro e São Paulo

moradores, circunstância que explica uma série de novos bairros e cidades nos arredores de Brasília. Na década de 1980 apenas 10 regiões administrativas (RAs) compunham o DF, que registrava população de 1,1 milhão de pessoas. Hoje existem 29 RAs e população estimada é de 2,4 milhões de habitantes.